

Hilf mir zu verstehen

Correio das Artes

Ano I Número 32 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 30-10-1949



VINHETA DE SANTA ROSA

MAURICE BLONDEL

FREI BARRUEL DE LAGENEST

HA algumas semanas morreu, em Aix-en-Provence, na França, um dos pensadores cristãos mais originais de nosso século: Maurice Blondel. Professor célebre da Universidade Francesa, Maurice Blondel soube, no decorrer de uma fecunda carreira, passada, em parte, nas trevas materiais que uma dolorosa cegueira lhe impunha, prosseguir e expor com todo o rigor científico o jogo matizado de seu pensamento.

Desde os primeiros anos de sua vida intelectual, os problemas suscitados pelo agir humano se apresentaram a seu espírito, e era ainda neles que pensava ao termo de uma vida inteira consagrada a uma procura leal da verdade.

É a caminhada deste pensamento, como está sintetizada nos dois importantes volumes de "A Ação", que estas linhas que o citarei muitas vezes desejariam evocar.

Agir, para Blondel, é de qualquer forma assemelhar-se a Deus. "Não há melhor meio de se as-

semelhar a Deus que participar da generosidade criadora". Isso não se fará sem dificuldades, é certo, pois é inevitavelmente suscitar a questão da compatibilidade do necessário e do contingente", e suscitar também o de "uma relação concebível entre duas ordens tão incommunicáveis que a incommunicável soberania de Deus". Pois, o problema da ação é central é "o liame de convergência de todas as exigências da razão e de todas as aspirações da alma". Mas esquivar-se

ao problema não seria leal. Seria mesmo uma ofensa a Deus, porque de um certo modo desprezar o dom de Deus: "ação" implica elaboração, uma pessoa que se exprime a si mesmo como a aspiração de um ser se realizando e realizando sua própria obra", que será ao mesmo tempo obra de Deus.

Mas onde encontrar este agir sacramento de Deus, para assim dizer? Em qualquer agente material? Não, responde Blondel, porque ali se encontrará sempre uma

casualidade mecânica que será como uma parede diante de Deus: num agente físico, o agir nunca será "puro", porque nunca completamente desembaraçado de toda passividade.

Será que o homem, ele pelo menos, poderá nos dar os exemplos do "agir puro"? Nos atos que lhe são instintos, certamente não: estão ainda ligados ao mecânico. Quanto aos que são plenamente humanos, devemos discernir neles três degraus de uma escada de perfeição.

Em primeiro lugar o tipo elementar de "fazer", do "fabricar" é (poiein). Depois, o tipo mais "humano", pelo qual o agente se desenvolve a si mesmo, se faz (prattein). Enfim um tipo desmaterializado ao máximo: a ação contemplativa (theorein).

Pois, é necessário reconhecer que nenhum destes três tipos em última análise, nos fornece um agir puro. O agir puro é supra-humano. É acima do homem que ele se situa. "A consciência da realidade do agir hu-

POEMA DE FINADOS

MANUEL BANDEIRA

AMANHÃ QUE É DIA DOS MORTOS
VAI AO CEMITÉRIO. VAI
E PROCURA ENTRE AS SEPULTURAS
A SEPULTURA DE MEU PAI.

**LEVA TRÊS ROSAS BEM BONITAS.
AJOELHA E REZA UMA ORAÇÃO.
NÃO PELO PAI, MAS PELO FILHO:
O FILHO TEM MAIS PRECISÃO.**

**O QUE RESTA DE MIM NA VIDA
É A AMARGURA DO QUE SOFRI.
POIS NADA QUERO, NADA ESPERO,
E EM VERDADE ESTOU MORTO ALI.**

mano supõem um princípio transcendente". O estudo do agir humano nos faz assim agir. E o agir humano, sendo a base de pensamento, é sempre o fruto de uma dupla escolha, uma sobre o fim a atingir outra sobre os meios a utilizar o meio não tendo razão de ser se não por sua relação com o fim. "Se nossos atos são durante nossa experiência presente sempre "transitivos", e no estado de tendência perpetuamente "itinerante", é porque conclui Blondel, "o que temos de ação não é senão uma passagem ao eterno agir".

O essencial do pensamento de Blondel é portanto ao mesmo tempo "distinguir os traços específicos da ação", e "manifestar como essa originalidade mesma do agir tem sua fonte e seu fim na união viva da causa eficiente e da causa final". "Agir, em sua forma perfeita, é verdadeiramente realizar o pensamento, civilizar o ser, aperfeiçoar a unidade substancial da potência, da inteligência, da sabedoria numa perfeita unidade de amor".

O que fica latente em toda a filosofia de Blondel, — como em tantas outras filosofias modernas, — é uma atitude diante da vida em suas diversas manifestações. Daí essa severa afirmação: "Se eu não for o que quero, não sou". Impossível ao homem escapar ao problema de seu próprio agir, acha Blondel. O dilettantismo é uma "duplicidade da inteligência e da vontade", o esteticismo é o sacrifício de tudo a si mesmo, e de si mesmo a vãs aparências. O dilettante e o esteta matam em si mesmo o amor pela vida.

E não se pode objetar que a ação tende ao nada: pois, se pensar o nada é uma impossibilidade, querer o nada é absurdo. E aquele que

pretende querer o nada quer o infinito.

O dever do homem será, portanto, "agir para saber, e saber para agir". Desta incessante procura brotará o dinamismo profundo da consciência. "A ação humana é uma idéia que toma corpo". Com efeito, explica Blondel, uma ação é necessariamente determinada por duas coisas: seu motivo, que é sua causa superficial, e seu móvel, que é sua causa profunda: por exemplo, hereditariedade, desejos inconfessados, que são em nós como "o eco do mundo inteiro e a expressão de nossa própria natureza". E Blondel conclui: — "Agimos portanto somente em vista do que não é ainda: o princípio da ação consciente, para ser eficiente, supõe uma causa final que é ao mesmo tempo interior e transcendente".

"A consciência da ação implica a noção do infinito; a razão decisiva de um ato nos parece sempre ultrapassar o fim conseguido". E será precisamente essa procura do infinito que explicará a consciência que cada um tem do livre arbítrio: "não se pode ser necessitado por um infinito".

Partindo assim de um motivo ou de um móvel, a ação humana se desenvolve em "círculos concêntricos", que serão as manifestações da atividade humana em todos os domínios, do indivi-

dual até o social e o religioso. Até chegar ao que Blondel chama somente "uma inquietação justificada a vida natural postula, para tomar um sentido e prestar conta de si mesma, algo que a ultrapasse. O agir humano, qualquer que seja, nunca fica satisfeito. "Para se completar, orientar-se para algo que o ultrapasse. Quer alcançar o transcendente".

E eis que chegamos à "Terra Prometida". Não há certeza, mas uma orientação que deve nos dar coragem e força de viver, não somente nossa vida de homem, mas ainda, — e isso será o complemento esperado do pensamento blondeliano. — a de filhos de Deus.

Não é sem um profundo sentimento de respeito que a gente segue os rodeios de um pensamento incontestável tão elevado. Talvez um espírito habituado às rigorosas e exigentes disciplinas escolásticas pudesse pensar que este meio termo entre uma mentalidade moderna impregnada de idealismo e a mentalidade realista da filosofia tradicional se esquece demais de princípios filosóficos essenciais a um pensamento objetivo. Não é este o lugar de discutir este ponto de vista.

O que fica fora de dúvida, é que a Igreja Católica acaba de perder com Maurice Blondel um de seus filhos mais ardorosos e mais submis-

sos. Impossível concluir melhor este esboço do pensamento de Blondel do que citando estas palavras que são como o programa de sua vida inteira: "Iluminando todas as condições inferiores, todas as preparações conscientes todos os fins supremos de nossa ação, devemos trabalhar a endireitar os espíritos que têm perdido o sentido completo da vida e traem sem o saber a herança do passado assim como os interesses do futuro".



ULTIMAS EDIÇÕES

LITERATURA HISPANO-AMERICANA" de Manuel Bandeira; "COGUMELOS", contos, de Breno Acioly; "FABULA SERENA", poesia, de Darcy Damasceno; "SOLIDÃO DOS CAMPOS", romance, de Raimundo Sousa Dantas; "ANGULO E FACE", poesia, de André Carneiro; CRITICA HUMANISTA" de Sousa Filho.

EDIÇÕES ORFEU NO PRÉLO

ORGANIZADA por Fernando Ferreira de Loanda, deverá sair por esses dias, em edição ORFEU, uma antologia poética da atual geração, intitulada "PANORAMA DA NOVA POESIA BRASILEIRA".

Enfina, esse volume, poema, dos "néo-modernistas" mais em evidência no movimento poético do Brasil.

— "FLOR DE PEDRA", caderno de poemas de Bandeira Tribuzzi; "O PRISMA", de Fred Pinheiro, poemas; "O PRIMEIRO DIA", livro de poesia de Reynaldo Baitão.

"TENTATIVA"

PELOS três primeiros números de "Tentativa" vemos que se trata de um jornal bem orientado e materialmente bem feito.

A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado

Diretor: SILVIO PORTO

CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDUARDO MARTINS

Redatores:

CARLOS ROMERO — DULCIDIO MOREIRA
GEORGE MATTOS — JUAREZ BATISTA

GARCIA LORCA

NEY GUIMARÃES

"S E les vió caminar...
Labrad, amigos,
de piedra e sueno en
el Alhambra,
un túmulo al poeta,
sobre una fuente don-
de llora el agua,
y eternamente diga:
el crimen fué en Gra-
nada, en su Granada!"
(Antonio Machado:
"En la muerte de García
Lorca")

Foi através das lágrimas sentidas que, tenho a certeza, se escaparam dos olhos dessa criatura essencialmente humana que é Carlos Drummond de Andrade ao escrever o seu artigo "Morte de Federico García Lorca", dizendo do crime inqualificável cometido contra um seu irmão em sentimento e em ideal nas páginas do extinto "Boletim de Ariel", em outubro de 1937, que comeci a amar e admirar o criador de "Bodas de sangue".

A propósito, e como a oportunidade se oferece para este esclarecimento, quero fazer uma confissão. Ao terminar, então, a leitura do artigo do poeta mineiro, sob a impressão de amargura e revolta que me invadiu, porque fui violentamente chocado pelo crime inominável praticado pelo fascismo contra a inteligência e a ternura espanholas — o que vale dizer, contra a cultura do mundo e o espírito de solidariedade do homem —, tirei uma cópia e a enviei a "A Tribuna", (X) pedindo publicação. E este jornal, dias depois, apresentava em suas páginas, em destaque, em duas colunas, o artigo de Carlos Drummond de Andrade.

Então a grande noite negra, ameaçante, começou a descer sobre a dolorosa terra de Don Miguel de Unamuno. Em fevereiro de 1936 a Fran-

te Popular dominara absolutamente no cenário espanhol. O povo se interessava mais vivamente pela própria sorte. Mas contra essa vontade popular se erguiam barreiras imensas. E no mês de Junho, no dia 18, rompeu a revolução que deveria ser chefiada pelo general José de Sanjurjo y Sacanell. Mas algum tempo antes desse

velha "clique" não abdicou de modo algum... A república cometeu o erro enorme de deixar os velhos generais no comando do exército. Porque na Espanha a verdadeira ameaça não é o bolchevismo, como a Direita desejaria fazer acreditar ao mundo... As teorias bolchevistas nunca tiveram a menor influência sobre as mas-

dores... Eles formam uma elite pretoriana que tem fortes elos de conexão com o clero e os financistas. São quase todos aristocratas... Conspiravam ontem. Conspiram hoje... Não creio que pretendam restaurar a monarquia, pois foram eles próprios que a traíram na hora extrema. O que visam é exclusivamente o seu proveito. Querem governar sem um rei". (1)

Quem se referiu dessa maneira foi Don Miguel de Unamuno, uma das maiores inteligências da Espanha, prestigiado em todo o mundo. As suas palavras não escondiam a verdade. Treze anos já são passados desde que na Espanha se levantou o militarismo para dominar o país e impor a sua vontade ao povo. Essa tirania se prolonga demasiado.

Os episódios dessa campanha nefasta que se realizou contra o povo da Espanha estão narrados, em linhas rápidas, no livro "García Lorca", de Edgar Cavalheiro, aparecido depois de longo tempo anunciado e em cujas páginas é estudada a vida desse poeta cujo nome se vê cercado hoje de popularidade e entusiasmo, tendo isso a "significação de um protesto contra a injustiça", como muito bem escreveu o professor Luiz Amador Sánchez.

Em prosa simples e precisa, por isso mesmo firme, Edgar Cavalheiro nos apresenta os acontecimentos mais comuns da vida de García Lorca e comenta a sua obra poética e teatral.

Ele nos oferece quadros cheios de clareza que falam do poeta andaluz. No entanto, o interesse do livro não está apenas na vida de García Lorca e na quali-



FEDERICO GARCIA LORCA

golpe que foi o prelúdio da guerra a que se viram arrastados todos os povos da terra, o mesmo Don Miguel de Unamuno, falando ao famoso jornalista Pierre van Paassen sobre a situação da Espanha, disse estas palavras pressagiosas:

"Preparam-se graves acontecimentos. A atmosfera está carregada, a tormenta se aproxima... Com franqueza não creio que esta tensão tarde muito a explodir... A

sas espanholas... Aqui não existe comunismo. O nosso maior perigo é o militarismo. Temos mais oficiais aqui na Espanha atualmente do que o Império Alemão tinha durante a Grande Guerra. A república não ousou mandar embora essa gente de receio que ela, no seu rancor, se pusesse a conspirar. A história demonstrou que os nossos militares não necessitam ser excluídos do exército para se transformarem em conspira-

dade dos seus trabalhos. Reside também na força e na verdade que se refletem no caráter desse poeta de quem se ocupa Edgar Cavalheiro com uma grande arte de narrador e com uma grande dose de bom sentido. Há ternura, naturalidade, pureza e verdade. E essas qualidades dão uma atração toda especial às páginas que escreveu o festejado e seguro biógrafo de "Fagundes Varela" sobre o celebrado autor de "Bôdas de Sangue". A impressão que o livro nos produz é de enternecimento e de admiração por essa criatura porejando simpatia que foi Federico Garcia Lorca, "um ser humano, nada mais".

"Tardará mucho tiempo en nacer, si as que nasce, un andaluz tan claro, tan rico de aventura".

Estas palavras foram dedicadas por Garcia Lorca ao seu amigo Ignacio Sanchez Mejias, quando o famoso toureiro morreu. Estou com Edgar Cavalheiro que elas cabem perfeitamente para o próprio Garcia Lorca.

Grande, dos maiores na Espanha, ativo, de uma simpatia que conquistava a todas as pessoas que dele se acercavam, Garcia Lorca foi qualquer coisa de espantoso. Aos vinte e oito anos, ao publicar "Romanceiro gitano", teve sobre si a atenção dos críticos e homens de letras de sua terra e passou a ser considerado como uma das figuras mais representativas de sua geração. Não foi um poeta revolucionário, um artista agitador de idéias, mas também não deve ser considerado como um representante da arte pela arte, que se isola, na indiferença, á vida que nos rodeia. Viveu afastado das lutas políticas, mas manteve ligação contínua com o

que na Espanha havia de mais avançado e progressista, e se aproximou do povo pela cultura. O problema humano sempre o preocupou. Ademais, foi o intérprete mais genuíno da legítima cultura popular da Espanha. Pode ser qualificado, portanto, como um poeta avançado e social.

Garcia Lorca celebrou a alma do povo espanhol na beleza de sua simplicidade e especialmente em toda a sua melancolia e tragédia. Transferiu a melancolia e a tragédia do povo espanhol para os seus versos e as suas músicas. E fez jorrar no drama a sua própria essência. O autor de "Yerma" foi bem o cantor dos homens que têm dramas em seu íntimo, e dos que sentem pulsar o coração com violência, mas também com doçura. A sua emoção foi sempre de uma intensidade ardente, enérgica, vibrante, desfazendo-se o seu lirismo fortíssimo nas cores vivas de uma dramaticidade que alcança a tragédia. Sentiu, em toda sua extensão, o mistério da fatalidade que pesa sobre certos destinos. A paisagem, a figura humana, a vida social de sua terra, os dramas peculiares ao caráter hispânico formam a essência do seu mundo poético. Descobriu-nos ele a alma de sua Granada na beleza de suas emoções e em toda sua força trágica. E depois de o fazer em verso, pô-la em movimento no teatro. Depois de compor o que está em "Canções", "Como jongo", "Romanceiro gitano", "Lamento a Ignacio Sanchez Mejias" e "Um poeta em Nova York", escreveu as notáveis peças que são "Mariana Pineda", "Bôdas de sangue", "A sapateira prodigiosa" e "Yerma".

"Sim, emudecendo a voz mais bela e promissora da sua época, os homens de Franco iriam e

mudecer, por muito tempo, a voz da própria Espanha. Aquele rapaz que pairava acima dos partidos, tornou-se por um capricho trágico do destino, o símbolo individual da tragédia espanhola. E, por extensão, o símbolo individual do espírito sacrificado á brutalidade dos regimes totalitários, regimes que se caracterizam pela violência com que impedem a floração de poesia, a existência dos poetas. Empreza inútil, principalmente quando se trata de uma figura como Garcia Lorca, poeta de quem o povo já decorou os versos e a história recolheu o nome". (2)

Ela ficará, sim, como um símbolo das atrocidades dos fascistas.

Possuo uma resenha dos mortos ilustres do ano de 1936. São 37 nomes de criaturas famosas por diversos motivos. No centro há um círculo em branco, destinado para mais alguma personalidade de projeção mundial que ainda viesse a falecer depois de 15 de dezembro, quando foi feita a relação. Garcia Lorca não está entre os 37 falecidos. O círculo, portanto, lhe pertence. Estão no quadro os nomes e fotografias de Ramon del Valle Inclan, novelista e poeta espanhol, Luigi Pirandello, teatrólogo italiano, Louis Bleriot, aviador francês, Rudyard Kipling, escritor e poeta inglês, dr. Jean Charcot, cientista e explorador francês, Maxim Gorki, romancista russo, Thomas Meigham e John Gilbert, artistas cinematográficos norte-americanos, além de outras personalidades. Note que por bem pouco, apenas por horas, esse círculo não veio a corresponder a um outro espanhol cujo nome, como o de Garcia Lorca, está na lembrança de todos, e que, como o autor de "Mariana Pineda", foi vítima dos fascistas: Don Miguel de Unamuno, que se distin-

guiu pela constante inquietação no domínio das idéias, falecido justamente no dia 1.º de janeiro de 1937.

Garcia Lorca era dotado de espírito, sensibilidade e inspiração. Amava a humanidade, amava a sua mãe, amava os amigos, amava os negros de Harlem e de Cuba, amava os operários e operárias, amava todos aqueles que suavam e lutavam, e viviam para o sonho, amava o compositor Manuel de Falla, amava as crianças, amava... amava... A sua faculdade de amar vinha da própria vida, desde que ele sempre se identificou com o povo. O amor é, portanto, tema dos seus cantos, porque foi realidade de sua vida. Ele o sentiu por inteiro, completo. Esse um dos fortes motivos da sua popularidade.

"Era popular como uma guitarra, alegre, melancólico, profundo e claro como uma criança, como o povo. Se com dificuldade se tivesse procurado, passo a passo e por todos os recontos, o quem se sacrificar como se sacrifica um símbolo, não se teria encontrado o popular espanhol, em velocidade e profundidade, em ninguém nem em nada como nesse criatura escolhida. Escolheram-na para dobrar e martirizar a Espanha, esvai-la do seu perfume mais rápido, reduzi-la ao seu hausto mais venenoso, com o seu riso mais indesejável". (3)

Também a sua poesia tem um caráter altamente social. Tinha, Garcia Lorca a noção do momento em que vivia e com emoção sentia tudo quanto cercava o seu povo. Por isso, os seus poemas e as suas peças nos mostram um espírito em tensão. Com a República, "cantavam as ruas de Madrid, de Madrid anterior a luta, cantavam os trabalhadores desde os seus altos edifícios ou desde suas errantes lo-

comotivas, cantavam os filhos da Espanha desde uma janela aberta para o futuro. Eles, os trabalhadores da Espanha, haviam aberto essa janela ao mundo e nêsse foco de luz e sombra viamos os rostos da Espanha iluminados por um novo resplendor planetário, e cheios de uma canção poderosa como a Terra e forte como o tempo". (4)

E quando isso sucedia, "o notável Federico Garcia Lorca, grande Espanha, saía pelas aldeias e pelos caminhos de Estremadura e Castela a ensinar ao povo e dêle aprender tudo o que foi; porque êste homem foi entre todos como o povo; porque foi farinha pura, pedra imaculada". (5)

Foi o grande animador do grupo "La Barraca", levando a todos os recantos da Espanha as obras primas do teatro de sua terra. Percorreu os caminhos da Espanha representando o velho e grande teatro de Lope de Rueda, Miguel Cervantes, Juan del Encina, Lope de Vega, Benavente, Quiñones e Calderon, tudo levado à cena com o maior critério, com a mais absoluta fidelidade, sem a mínima traição aos autores representados. E essas representações êle as oferecia ao povo sem nada pedir em troca. Com "La Barraca" saiu pela Espanha a fora, recitando, tocando piano, fazendo conferências, passeios de presidição e magia.

Embora o seu prematuro desaparecimento, seu papel foi imenso na literatura e no teatro, porque, sem se afastar da tradição em seus aspectos essenciais, retomando velhos temas, êle reformou, rejuveneceu a poesia na Espanha, dando-lhe mais pura força expressiva e grande riqueza musical. "Ao desaparecimento de Garcia Lorca, todos os poetas, anteriores e presentes, ficaram reduzidos a sombras

que se movem silenciosamente, sem dominar o universo lírico do espanhol. Garcia Lorca aponta um novo sentido e sua universalidade êle a concentra em "sua Granada", a fim de que um novo "meridiano" irradiasse, potentemente, como foram Paris e Madrid para as gerações de 1890 e 1928. Realizou, em sua época, uma poesia tão plena de cor como de densidade, que unificava ao mesmo tempo a tradição poética da Espanha e a incorporação de um mundo poético, o andaluz, a poesia do universo, sem necessidade do vistoso costume local". (6)

A obra que deixou é grande, valiosa, cheia

de ensinamentos, transbordante de compreensão do homem. Maior, contudo, como acontece com criaturas da força de Romain Rolland, Henri Barbusse, Maximo Gorki e André Malraux, é o exemplo que oferece a sua vida, em cujo sentimento predominou a humanidade. Grande humano Federico Garcia Lorca!

Como Charles Péguy, Romain Rolland, Henri Barbusse e Francis Jammes, êle nos deu a compreensão do homem como uma força imensa pela sua bondade e simplicidade, e também a esperança nos destinos da humanidade. São escritores que souberam ex-

primir os sentimentos que o povo experimenta. E acontece que o povo, nos dias tormentosos que atravessamos, tem necessidade de um estelo, de um conforto, e muita vez, ao cerrar os punhos, precisa sentir junto dêle uma aragem que o conduza. É preciso que a poesia se faça bem presente agora, porque há necessidade dela neste difícil momento de transição que se vai processando.

É preciso pensar em Garcia Lorca neste momento, diante da missão que cabe aos poetas em face da confusão dos nossos dias. Finda a guerra que sobressaltou todo o mundo, ameaçando a segurança e a liberdade do homem, e aos poetas que corresponde ressuscitar, na agonia material em que se vê colocado o gênero humano, o equilíbrio da inteligência, fazendo com que a vida torne as fontes líricas por tanto tempo sufocadas pelos gritos de pavor e barbaria. É preciso pensar em Garcia Lorca tanto quanto em Paul Valéry, Heinrich Heine, Walt Whitman, Rabindranath Tagore, Rainer Maria Rilke, Ruben Dario, Antonio Machado, Castro Alves, Raul de Leoni, Juan Ramon Jimenez, Paul Eluard, Christina Rossetti, Elizabeth Barrett-Browning, Juana de Ibarbourou, Cecilia Meirelles, Alfonsina Storni, Paul Claudel, Rafael Alberti, Gabriela Mistral, Langston Hughes, Louis Aragon, Pablo Neruda e Carlos Drummond de Andrade.

Perante o mundo, o movimento rebelde dos espanhóis "nacionalistas" é responsável pelo assassinio de Garcia Lorca. "A tragédia de sua morte, que marca bem o movimento sísmico transitariamente destruidor da cultura, da liberdade e da dignidade do povo espanhol, faz crescer mais ainda, sobre as ruínas fumegantes,

Poemas de FRED PINHEIRO

UBI TROIA FUIT

O TEMPO de espera já findou
e imaturos, os mitos perduram
nas grávidas campinas.

De Palas, já o azul é ausência
e onde propiciação fôra a tanto
amor, nasce um último olhar
e um adeus de mãos perdidas,
enlutadas e perdidas sobre o mar.

E o vento, gritando o enigma
aos adolescentes nus,
desvenda o amor sob claros
céus, oh, céus de azul pupila
onde jovens deuses brincam de imortais.

ODE VI

CRISTAL de melancolia
(partido vidro da infância)
por salgadas águas delisais
retornando à primeira condição.

Algumas raízes se fixam
remotas e transmutadas
em mistérios nascendo
de pulcras radiolas.

Entanto, cutelos malditos
degolam fontes donde manam
as cristalinas águas
que banhavam as rosas imiscíveis.

A beleza faz, imóvel e plena
na quietude do espírito iluminado
no vórtice do caos.

da sua clara Andaluzia, o seu vulto incomparável de pioneiro, tão grande na sua marcha vital, como no imóvel silêncio rumoroso de folhas noturnas que descenderam chorando sobre seu corpo assassinado". (7).

O mundo inteiro, os intelectuais, os trabalhadores, todas as pessoas decentes saberão homenagear Garcia Lorca. Essa mesma gente, que tem clara consciência da dignidade e do valor desse poeta espanhol, saberá igualmente formar um conceito bastante acertado sobre o homem que oprime o povo que Garcia Lorca soube compreender e que tanto amou. Ouvindo o canto das coisas, recolhendo em seus versos a natureza da sua terra, fez palpitar em seus poemas toda a sua simpatia pelo homem telúrico. Seu cérebro foi fértil em refletir o que lhe ia no sentimento. E' por isso que nos seus poemas e nos seus dramas existem as forças da terra, da vida e da morte, e o homem aí se agita. A sua obra estende-se aos domínios da poesia e do teatro com uma grande riqueza de expressão, de conteúdo humano.

Muitas vezes, algumas de grande força, se têm levantado contra o regime opressor espanhol, e em 1946, no Parlamento britânico, severa condenação foi feita por Lord Templewood, antigamente Sir Samuel Hoare, embaixador inglês durante a última guerra. Disse ele: "Franco agora parece ser nosso melhor amigo. A verdade é que durante toda a guerra esteve do outro lado. Suas simpatias sempre estiveram com o eixo. Fazemos sempre uma clara distinção entre o governo espanhol e o povo espanhol. Tenho criticado o governo espanhol, mas as minhas palavras são poucas para o povo es-

panhol, que é um povo nobre e, durante a guerra, estou convencido, esteve do nosso lado".

Stalingrado esperou e viu chegar o fim dos que a atacaram e destruíram. Paris esperou e assistiu à fuga dos que a pisaram e saquearam. A Checoslováquia esperou e voltou a respirar o ar da liberdade. A Noruega esperou e reconquistou a sua posição avançada de nação que caminha para o progresso. A Espanha espera. Como outros países que se viram durante anos contidos em seus anseios de progresso, a Espanha encontrará um dia o caminho que a reconduzirá à liberdade, o caminho que lhe mostraram os homens sinceros de 1931. Edgard Cavalheiro in-

"MARIA CHINA"

"MARIA China", o romance de Ismaelino de Castro, é bem como disse Ary da Matta, "um livro sem ternuras e sem renúncias e mesmo quando a ternura se insinua medrosa em suas páginas, vem revestida de asperezas de lingua de pirarucu". Fixa flagrantemente da vida paraense, em todos os seus aspectos, com pinceladas fortes e seguras. É um livro depoimento.

"REVISTA BRANCA", 8

ESTA em circulação o número 8 da "Revista Branca", de Saldanha Coelho, referente aos meses de agosto-setembro.

Como sempre, excelente feição gráfica e selecionada colaboração.

É, hoje, uma das mais serias publicações, de quantas têm surgido no cenário das letras brasileiras.

"NOVO MUNDO"

RECEBEMOS os nºs. 38, 39 e 40 de "Novo Mundo", "órgão de intercâmbio cultural em todas as Américas" que se edita em Guiratinga, Mato-Grosso.

É mais um jornal litera-

curioso pela vida e pela obra de Federico Garcia Lorca, no seu seguro e lúcido ensaio, delendo-se de preferência na grandeza desse homem que em torno de si criou um ambiente de simpatia e que estará sempre no coração do povo. O coração do povo é o seu relicário.

O autor de "Bôdas de sangue" soube dominar os seus temas poéticos e dramáticos, apesar de toda a pujança que eles apresentavam. Por isso a sua voz se elevou acima do tempo. Sua gloria vive, aumenta cada vez mais clara e deslumbrante. Contra a sua imortalidade nada poderá nenhum destruidor da liberdade e da cultura. Ele pertence ao povo e o que é do povo não parece jamais.

(x) — Jornal de Santos, no Estado de São Paulo.

(1) — "Garcia Lorca" — Edgard Cavalheiro — Livraria Martins — São Paulo — 1946.

(2) — Idem.

(3) — "Federico Garcia Lorca" — Pablo Neruda — "Dom Casmurro" — Rio de Janeiro — 1941.

(4) — "A Espanha está presente" — Pablo Neruda — "O Diário" — Santos — 1945.

(5) — Idem.

(6) — "A supervivência de Garcia Lorca" — Blaulio Sanchez — Sáez — "Gazeta Magazine" — São Paulo — 1941.

(7) — "Federico Garcia Lorca" — Geraldo Ferraz — "A Tribuna" — Santos — 1939.

PRÓXIMAS EDIÇÕES.

— "JARDIM INTERIOR", de Rocha Filho; "QUEDA EM ASCENÇÃO", de Gasparino Damata, novela; "FLOR DA MORTE", poemas de Henriqueta Lisboa; "POESIA NOVA", crítica literária, de Reynaldo Balarão; "1948-49", segundo livro de poemas de Edgard Braga, ed. do autor, com capa de Darcy Penteado; "MALVINA EM BUSCA DO SORRISO ANTIGO", novela em forma poética de Aurora Yeddo Martins; "CONVERSÕES DE ECKERMANN COM GOETHE", em tradução e notas de Marina Bastian Pinto; "MEMÓRIAS DO MEU TIO", romance, de Luiz Jardim; "SBRADOS E MOCAMBOS", de Gilberto Freire; "PRAIA OCULTA", poemas, de Domingos Carvalho da Silva; "A FACE PERDIDA" e "POEMAS MURAIIS", poesias de Cassiano Ricardo; "LIVRO DE SONETOS", de Jorge de Lima; "GUERRA DENTRO DO BÉCO", romance, de Jorge de Lima.

Noticias

rio que vem aumentar a lista das publicações congêneras.

"A PENA"

OMO órgão bi-mensal do Grêmio Literário "Machado de Assis" (do Ginásio Estadual Campograndense), de Mato-Grosso, é digno de registro. Matéria variada e boa orientação.

"FOLHA LITERARIA"

DENTRE os muitos jornais literários que se publicam no Brasil, "Folha Literaria", de Cuiabá, é já um dos vitoriosos.

"HORIZONTE", 3

DE Porto-Alegre chega o número 3 de "Horizonte". Uma boa e bem confeccionada revista.

"HERMAN Lundgren" (Pioneiro do Progresso industrial do Nordeste), por Raul de Góes, com prefácio de Ademair Vida.



EM TORNO DE UM CENTENARIO

AURELIO DE ALBUQUERQUE

COM muito acêrto, Alvaro Lins fez ver ter sido necessário que nos tornássemos homens — para compreender que Ruy Barbosa foi um grande homem.

Na verdade, o brasileiro, cujo primeiro centenário de nascimento passará no próximo 5 de novembro, foi um dos nossos homens públicos mais combativos e discutidos.

Alguns o consideravam apenas como um dos nossos maiores juristas e, chamando-o de "campeão do *habeas corpus*", achavam que tinham dado a Ruy o título mais justo ou merecido. Outros indicavam-no como um grande orador. Ficavam aí. E quase todos procuravam salientar o seu tão propagado erro: o de ter colocado sempre os textos da lei acima do lado real da vida. Teria sido um talento verbal, desprovido de senso prático, não procurando penetrar na realidade nacional, abusando demasiadamente da retórica e sem tomar conhecimento dos problemas sociais. Foi até apontado como um dos "erros nacionais".

O tempo, por si mesmo, se encarregou de fazer com que, aos poucos, as gerações que o seguiram fizessem a justiça que ele bem merecia. E hoje, constatado está que ninguém mais do que Ruy Barbosa soube observar, com inteligência e agudeza, as realidades nacionais, vendo o que os do seu tempo e muitos outros das gerações seguintes — não alcançaram ou compreenderam.

Todos problemas da sua época, inclusive a questão social, foram discutidos por Ruy. As grandes causas nacionais que, até então, abalaram o País, tiveram o seu ar-

pêlo. Ele se achou presente, com a sua enorme força moral e o prestígio da inteligência, nos nossos maiores acontecimentos. E assim, Luiz Delgado acentua: "O que acontecia era ver a realidade brasileira e a realidade humana em perspectivas mais amplas do que a maioria dos seus contemporâneos e a maioria dos que estão sendo contemporâneos de seus filhos e de seus netos".

E, em tudo aquilo, se notava o homem público intransigentemente honesto, que, nas menores coisas, acentuava a nobreza de atitudes, firmeza de convicções, a renúncia e a coragem quando o bem público exigia. Aos setenta anos, cansado e com a saúde abalada, enfrenta a campanha política Bahia e percorre quase todo o

interior daquele estado. Sempre repeliu as recompensas materiais que o Congresso quiz dar-lhe, porque achava ser apenas um dever defender e dignificar o seu país. E por mais de uma vez aceitou a sua candidatura à presidência da República, por um motivo bem simples — o de agir de acordo com seus princípios, curvar-se aos imperativos da lealdade partidária e, sobretudo, concorrer para a subsistência da nossa democracia.

Achava que uma ordem jurídica justa e estável dependeria da moral e do critério dos homens. Proclamava que em política, como em religião, o essencial não está na profissão do credo mas na prática das obras. E assim pregava mais com o exemplo do que, com as palavras.

Defensor intransigente da lei, sempre se opunha às negociações, grandes ou pequenas, que ferissem o nosso Direito, diminuíssem o regime e desmoralizassem as instituições.

Admitia que erros fossem cometidos. Mas não compreendia que se transigisse com os princípios da dignidade humana. "Antes de tudo, era sempre um homem". Assim foi aquele que, fisicamente, tinha apenas 1m; 52 de altura e não chegou a pesar mais do que 49 quilos.

Quando passa um centenário do seu nascimento, justo é sabermos se as gerações do momento têm ouvido esses ensinamentos, seguido uma tão rara lição de dignidade pública e pessoal. Em uma de suas últimas crônicas, Gilberto Freire fez sentir que a depravação moral, social e política, no País, está tão arraigada, aumentando dia a dia, de maneira que o título de honesto serve até para causar riso, constitui um motivo de mofa, e o homem de bem — considerado, hoje um desajustado — é levado ao ridículo. Este seria, para aquele sociólogo, o nível que a que chegamos. Aliás, o próprio Ruy Barbosa, no seu tempo, já salientou que a decadência moral tudo pode fazer e, parece que antevendo tudo isso, disse: "De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver prosperar a desordem, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus — o homem chega a desanimar-se da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto".

Para o autor de "Sobrados e Mucambos", já estamos na época em que



FIGURAS — OLEO DE GASTÃO WORMS

TEORIA E PESQUISA EM SOCIOLOGIA

ARNALDO MAGALHÃES DE GIACOMO

Donald Pierson, justamente aclamado como um dos mais fiéis seguidores do eminente sociólogo Park, veio da Universidade de Chicago para lecionar Sociologia e Antropologia Social na "Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo". Seu nome já se impôs nos meios intelectuais brasileiros graças tanto ao lançamento do livro "Teoria e Pesquisa em Sociologia" como aos ensaios e artigos que tem publicado através da imprensa, onde teve a oportunidade de abordar destacadas questões sociológicas e a pontar seus altos méritos de mestre na disciplina.

O desenvolvimento da

o homem virtuoso é apontado como desinteligente, desatualizado, desinteressante, causando a sua queda — ou vez de respeito — nota. Vamos chegando, assim, ao momento em que, infelizmente, a maioria desanima da virtude, ri-se da honra e tem vergonha de ser honesta. E se não dermos outros rumos aos nossos destinos políticos e administrativos, para que haja um refreio nesse desregramento, se as coisas continuarem assim, quando as gerações futuras ouvirem falar em Ruy Barbosa — um cidadão que em tudo fez valer os princípios da dignidade humana e, com uma coragem heróica e muita renúncia, não transigia com a desonestidade, o erro e a mentira, estes olhos — incrédulos e descrentes — hão de, certamente, perguntar: mas esse homem existiu mesmo?

pesquisa no campo social encontrou entre nós ambiente para a sua estruturação, tanto pelas condições peculiares do nosso meio como pela eclosão de raças e civilizações que aqui se deu herança de uma simbiose de idéias, homens e culturas que processou o caldeamento de nossa sociedade. Tinha o autor, dessa forma, excelente material para a investigação sociológica, ainda isolada entre nos-

sos estudiosos. Donald Pierson orientou esse seu livro com um método racional, usando de uma terminologia simples sem procurar termos excessos nos complicados arabescos sociológicos. A clareza na exposição de idéias fez livro acessível a todas as inteligências. Por isso é a um tempo obra didática e manual de consulta. Livro para estudantes e estudiosos.

"Teoria e Pesquisa

em Sociologia" é o resultado de anos de experiência e práticas do ensino da sociologia e suas aplicações no terreno da pesquisa. Nesse trabalho o autor examina, de início, as ciências sociais no mundo de hoje, analisa em seguida a sociologia, sua conceituação e similaridade com outras ciências, apontando: "A Sociologia trata dos processos pelos quais os indivíduos humanos, separados no espaço, capazes de existirem biologicamente apartados uns dos outros, combinam-se em unidades maiores, capazes de ação conjugada, isto é, em sociedade; e trata dos processos pelos quais essas unidades maiores se desintegram em suas partes isoladas originárias". Aborda a controversa questão dos métodos sociológicos passando às bases de uma sociologia sistemática e aos problemas das pesquisas sociais.

Esse novo lançamento pelas "Edições Melhoramentos" é realização que diz respeito, muito de perto, aos mestres e discípulos da sociologia e esta sua segunda passagem pelo prelo vem confirmar o conceito que dela fizeram os mestres da disciplina sociológica entre nós.

"CORREIO DO SIRIGI"

MAIS um número do CORREIO DO SIRIGI encontra-se em nossas mãos. Órgão literário e noticioso, a referida publicação é editada em Vicência, Estado de Pernambuco, e apresenta várias notícias e trabalhos locais.

O número em apreço se refere a setembro do corrente ano.

BALADA DO CAMINHANTE

PAULO SERGIO

HÁ MIL E UMA RAZÕES
MAS NENHUMA SÓ VERDADEIRA.
E TENS O MUNDO A TEUS PÉS...

ANDAS E A CADA PASSO
TEUS PÉS RESVALAM E CAIS.
ANDAS E NUNCA ENCONTRAS
O VERDADEIRO CAMINHO
ESTÁS CANSADO DE ANDAR.

ANDAS SEMPRE PARA A FRENTE
DE PÉS VOLTADOS PARA A FRENTE
E TENS EM FRENTE OS TEUS OLHOS
E TEU PENSAMENTO TAMBÉM
MAS OLHAS SEMPRE PRA TRAZ
ATRAZ DE TEU CORAÇÃO.

POR ISSO RESVALAS E CAIS
E SEMPRE PERDES A ROTA.
TE PERDES NAS ENCRUZILHADAS
E SEMPRE CAIS NA SARGETA
NA HORA DE CAMINHAR.

DISCUTES CONTIGO MESMO
E QUERES SEMPRE PROVAR
QUE ANDAS NA ROTA CERTA.

SE ALGUMAS VEZES RESVALAS
E QUASE SEMPRE TENS CAIS
DIZES QUE É OBRA DO ACASO.
MAS SEGUES SEM PRA FRENTE
SEGUES SEM NUNCA CHEGAR.

DE TANTO PERDERES A ROTA
PERDESTES TAMBÉM O HORIZONTE
E AGORA NÃO MAIS TE ORIENTAS
NO RUMO DA ESTRELA POLAR.
TU ENTRETANTO CAMINHAS
CAMINHAS POR CAMINHAR
O AMOR Á ROSA DOS VENTOS
SEMPRE TE FAZ CAMINHAR.

HÁ MIL E UMA RAZÕES
(LÓGICAS, FIRMES E CLARAS)
MAS NENHUMA SÓ VERDADEIRA...
E TINHAS O MUNDO A TEUS PÉS...

POESIA NOVA

A POESIA DE UM CRITICO DE ARTE

REYNALDO BAIRÃO

Sómente o equilíbrio me contenta, fascina e perde. A crítica de poesia estando fundada na ordem perfeita, requer por isso uma opção que, no fundo, julgo um grande mal. Porém, se essa opção se torna obrigatória, torna-se indispensável, preferindo o que me impacienta ao que eu desestimo. Sempre encontro no que me impacienta o equilíbrio que procuro e encontro na criação da verdadeira obra de arte.

Sérgio Millet é um dos poetas que mais me diz alguma coisa, dos da velha guarda. Me agrada porque sua poesia é intimista, voltada para dentro, é uma espécie de contínuo diálogo interior, onde o poeta conversa consigo mesmo sem se preocupar com o que o mundo possa ouvir dessa dialogação perpétua e que se estende até o infinito.

Encontro nessa poesia, sumamente lírica e simples, um esforço que leva ao jogo e à indiferença do poeta para com ele próprio. É a incômoda noção de dever, de capricho que, praticamente, o leva à notáveis deformações. Tem-se a impressão mesmo de que o poeta acha que a poesia não é dos esclarecidos. Ao contrário. A poesia pertence aos melhores, sendo que o melhor é aquele que mais se devota. Como conclusão, chegamos a afirmar, com ele, que poesia é devoção, religião, conhecimento, transcendência, sacrifício. E, igualmente, sentimos, com Sérgio, que a poesia (no poeta verdadeiro) se transforma em paixão, agonia, silêncio e dignidade.

Se o homem concebe o Bem, o princípio das coisas, a consciência moral que o define e perturba, o poeta traz em si a parte oposta, o demoníaco, fazendo de si mesmo criador da imagem de Deus. Porém, com olhos vermelhos e inchados de choro secular, o poeta também faz de si mesmo a antítese desse criador, daí surgindo o equilíbrio que a estrutura requer.

A medida poética é um sinal de maturidade interior. O sacrifício humilde, constante, voluntário,

constitui a verdadeira dignidade do poeta. No Bem, o homem nos dá a sua marca de cantor de pés descalços. No Mal, eu naquilo que convencionalmente classificamos de Mal, o poeta não é mais homem, nem Deus, mas aquele que possui a harmonia moral e intelectual, resignada e infatigável, e que não se queixa jamais, nem quando o surpreende a morte pré-conhecida.

A poesia de Sérgio Millet me causa emoções as mais estranhas

pelo múltiplo de suas facetas expressionistas, o que lhe empresta um caráter de tristeza infinda. Toca-lhe a mão do inverno incontido e o sopro daquela vida que não pode continuar mais. A emoção estética, como "a emoção religiosa, roça a fronte com uma auréola e ao coração faz conhecer um desabrochar de infável gôso" (v. Amiel). Em Sérgio, a multiplicidade tende à unidade. E o leitor sente, por essa razão, que é preciso primeiro apreender o conjunto do objeto, antes de "conhecer" a formação desse objeto e suas partes constituintes.

II

Poesia é mistério. Tudo, aí, parece de tal modo relativo que, realmente, não se sabe mais o que tem um valor real, positivo. E nem se procura saber, essa a verdade. Fato é que não, procuramos nos identificar com o próprio poeta. E, assim, pelo imperceptível, pela fragilidade, pelo inexprimível, nós também vamos concebendo um mundo criado à imagem dele, auxiliados por uma vontade suprema de morrermos cantando e chorando lãs que não podem existir cognoscitivamente.

É verdadeiramente nesse momento, que voltamos a cabeça para trás e vamos todo um passado, toda uma série de problemas que não foram jamais resolvidos, e nem o serão; é aí, sem dúvida, que vamos sofrer porque a atração foi confusa, dependente, ilimitada no entanto; é aí que vamos decifrar toda uma existência sem vida, toda uma vivência que

POEMA A LORCA

GEORGE MATTOS

Não sei onde,
Em que terra,
Em que tempo,
Lançaram o teu corpo insepulto,
Sem glória e sem destino
Ausente dos cantos
E das flôres.
Onde pararam
Os caminhos da vida,
Aí te deixaram,
Deitado em sangue,
Sangue da tu'alma,
Sangue do teu corpo,
Poeta companheiro.
Aí te deixaram
Simples,
Com a placidez de quem abandona um santo
E não teme pelas tempestades não chegadas.

**Somente a melancolia
Da tua ausência
Engrinaldou a paisagem nostálgica
Da madrugada fria,
E os cantos remotos
Do romancero gitano
Confundiram-se aos gritos longínquos
Das vozes distantes
De Granada enlutada.**

trazemos em nós há séculos e que a desconhecíamos totalmente; resignação...

Poesia é recolhimento, prece, mas em voz baixa, surda. É a situação daquêlê que se interioriza e, muito, encontrando dentro de si mesmo, chora. Poesia é choro infinitesimal, choro pequeno e grande, choro cansativo, busca eterna com a desconfiança se se encontrará ou não aquilo que se busca.

Poesia é morte. Morte dentro de si mesmo. Mor-te antes do princípio. Morte depois do fim absoluto.

III

O passado é o que mais estremece este poeta silencioso. Sérgio vive de um passado e no en-

tanto êle procura escapar daquilo que o alimenta e sustém:

"Fugir! Destruir em mim êsse estigma do passado..."

Afogar nas ondas melodiosas a melancolia dos dias repetidos!"

O poeta olha pela janela, tem que se evadir, não quer fugir covardemente da sua existência, conta os rios para que a sua sede seja saciada, precisa ser "livre e louco como o vento", mas existem os "séculos de fórmulas", "de pacientes definições do bem e do mal pesando amargos sobre os nossos ombros". E, triste, o poeta descobre que só resta a "volúpia dos amores criminosos", "a consciência cuja voz é surda"...

O poeta sofre porque não se entrega. Êle "vai

da volúpia à volúpia e percorre toda a escala de sensações", mas sofre. O meio-dia é "sufocante", "nada agrava dentro da gente", êle se deixa possuir pela "lembrança de uma insolação". Mas na sua alma há sempre o remorso:

"Eu vi a lua brilhar

.....
Me arrependi de não ficar!"

Remorso de morrer satisfeito, remorso de ser triste, irremediavelmente triste, remorso de transbordar de ternura, remorso porquê o prazer "dura apenas um instante". O remorso, aqui, sempre se transforma em angústia. "Oh fome de teu beijo! Oh sede de tua bôca!" E a angústia é dosada de ganância incontida, que se transfigura em altitudes, e o

poeta sofre ainda mais, só porquê sabe que tudo isso nada mais é que atitude mesmo:

"Tenho gana de infringir todos os mandamentos..."

Mas no fundo meu Deus eu sou família..."

Sérgio Millier é talvez o mais ingênuo, necessitado e consciente dos poetas que conheço. Ingênuo porquê êle "fecha os olhos para os campos dromedários", necessitando porquê "abre os braços bem abertos para que venha" a êle "a voz profunda do mundo", consciente porquê "não importa a forma da paisagem mas tão somente o reflexo que ela projetou dentro de si".

NOTA SOBRE O "CORREIO DAS ARTES"

FERREIRA GULLAR

TEMOS registrado, já por várias vezes, em nosso Suplemento Cultural, o recebimento de muitos números do "Correio das Artes", suplemento literário da "União", editado na capital da Paraíba, sob a orientação do poeta Edson Regis. De certo, muitos leitores, ao ler as referidas notas, tiveram a impressão de que se tratava de algumas páginas repletas de poesias inexpressivas e algumas colunas de prosa descon-solada. Os que assim pensaram não o fizeram por instinto pessimista. Fizeram-no levados pela que, nesse mister, só acontece aqui. Basta dizer que em S. Luiz nunca houve até hoje um suplemento de Letras cujo tamanho fosse além de uma pequena página de Jornal. Depois de "seis anos" o atual diretor do "Diário de São Luiz" pôs à disposição do Centro Cultural "Gonçalves Dias" a página que ainda hoje mantemos, sabe

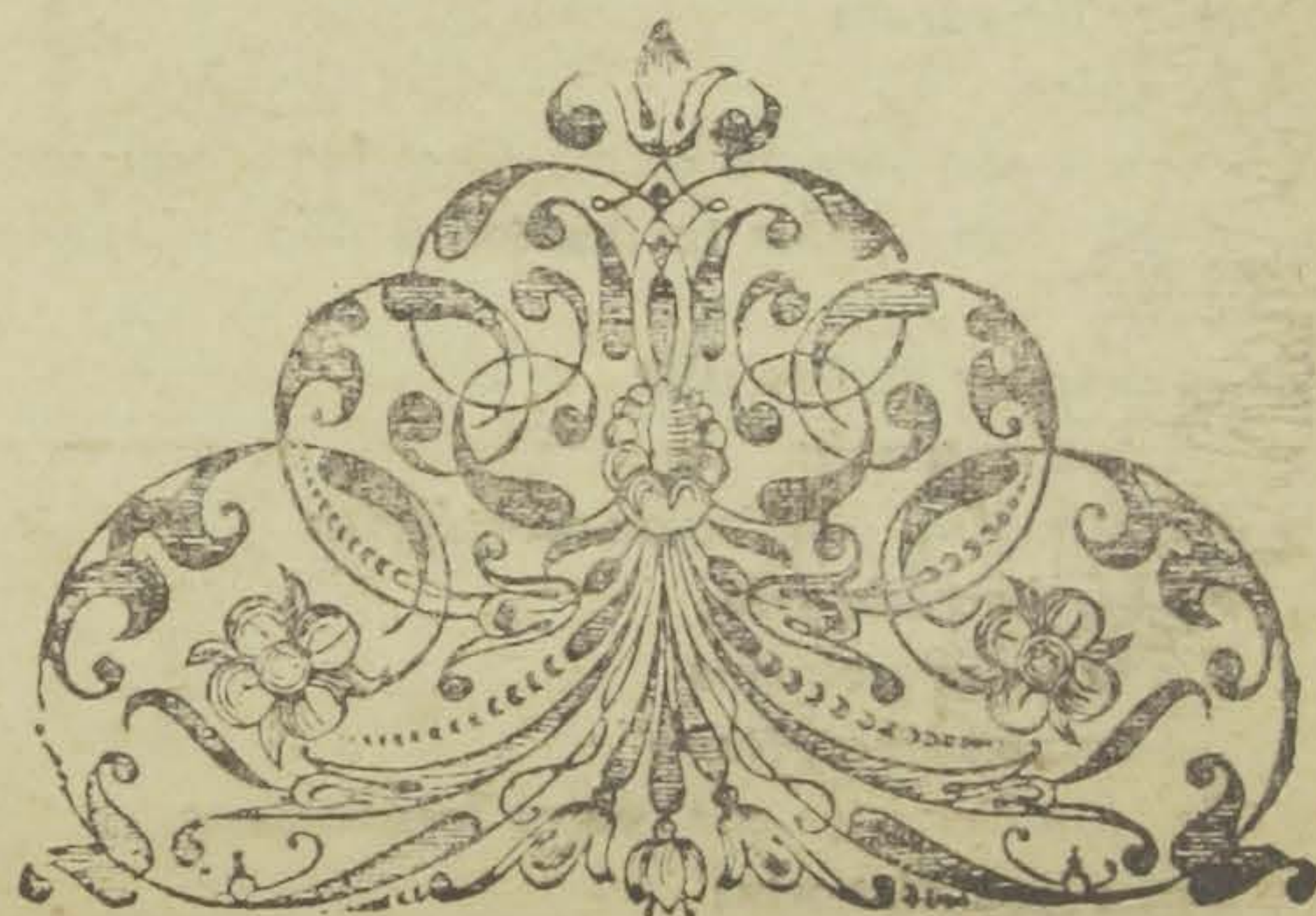
Deus como, e a que damos graças aos céus. A culpa é dos diretores dos jornais? Nem sempre. A maior culpa é dos nossos escritores, que, esquecendo as contingências da época em que vivem, têm por direito escrever e esperar que alguém funde uma revista literária, um suplemento, afim de que deem vasa às suas pro-

duções. E quando a revista é criada, "estão ocupados para cuidar de literatura". Não é preciso dizer mais nada para dar aos moços do Brasil uma idéia do que é a presente situação da nossa geração, insulada geográfica e culturalmente do resto do país.

Mas não será essa cir-

cunstância embargo a que brilhe em nossos olhos uma grande satisfação (misto de inveja e alegria), ao nos chegar às mãos mais e mais exemplares do "Correio das Artes" cuja existência compensa e aumenta a falta de órgão semelhante em nossa terra. Hoje, quando em todo o país as novas gerações se movimentam, orientadas pelo desejo de anular, nos sentidos mesológico e pejorativo, o fator "provincia", criando e editando periódicos, revistas e livros é do nosso dever parabenizar os escritores parabenos e particularmente o autor de "O deserto e os números", cujo trabalho orientador vem concorrendo de modo significativo para a vitória da Província na luta da descon-tinuação da cultura nacional. Êle o "Correio das Artes" um dos mais eficientes órgãos desse importante movimento.

(Do "DIÁRIO DE SÃO LUIS", Maranhão).



JOÃO SOLDADO

Conto de CAMPOMIZZI FILHO

MEIO triste esta noite de sábado para domingo. A brisa morna não traz o ruído alegre da música do clube popular e nenhuma voz moça vem do jardim. Apenas o relógio da matriz vai contando as horas e repetindo-as, como lembrando que o tempo voa nos minutos que passam.

Nenhum hóspede novo nas celas cheias. Os trinta e quatro homens amontoados na cadeia suja esperam julgamento ou cumprem sentenças curtas. Alguns são presos de poucos dias, embriagados razidos da rua às altas horas ou maridos que batem da mulher com escândalo para a população ordeira. Nenhum grande crime. Nada de sensacional como as notícias dos grandes jornais. Tudo pequeno como a cidade e as suas coisas.

João Soldado, mosquetão encostado à parede encardida, está de serviço. O cabo mandara-o para ali, quando preferira estar em casa, descansando para o futebol de amanhã. Praça velha com mais de trinta anos na Força, detestara sempre a guarda de presos. Nunca se acostumara aos lamentos daqueles que, recolhidos às grades, tornavam-se humildes e escondiam num arrependimento tardio toda a maldade dos homicídios perpetrados.

João Soldado apanha a arma. Suspense o ferrolho e examina o mecanismo polido, com dois cartuxos prontos para a carga se algum dos homens que dormem tentar fuga. Ele mesmo não sabe se, no caso de necessidade, terá coragem de matar. Durante a sua vida militar, tendo percorrido todo o Estado, ja-

mais atirara nos presos. No princípio, quando novo na farda, orgulhoso de sua função, arrastara valentia e procurava mesmo oportunidade de fazer valer a pontaria certa. Nas revoluções de que participara, ouviu longos tiroteios e vários companheiros tombaram ao seu lado. Disparara projéteis aos rumos indicados e marchara na alegria dos clarins. Não tem lembrança, entretanto, de haver roubado a vida a alguém. Principalmente porque os inimigos eram seus irmãos, pobres soldados, como ele que usavam da farda para os mistérios policiais e que os governantes otiravam uns contra os outros por meros interesses políticos.

O mosquetão recostado à porta é símbolo de autoridade. E é tão pouco quanto o policial

que, ouvindo discussões ou presenciando freges, prefere afastar-se calado. Os seus trinta anos de experiência atestam-lhe a ineficácia do serviço. O *você* sabe com quem está falando já o levava a alguns meses de xadrez e a várias transferências de destacamento com serviço dobrado. Agora, vindo as duas divisas prometidas pelo chefe político, só esperar mesmo pela reforma para cuidar da horta que siá Donana e os meninos plantaram na casinha comprada a custo no Corte Grande.

O relógio da matriz bate umas badaladas compassadas. João Soldado não chegara a contar. O ressonar dos prisioneiros e os pensamentos desordenados lhe tomaram a atenção. Mas não pode ser tão tarde assim. Há estrelas na noite clara e a brisa

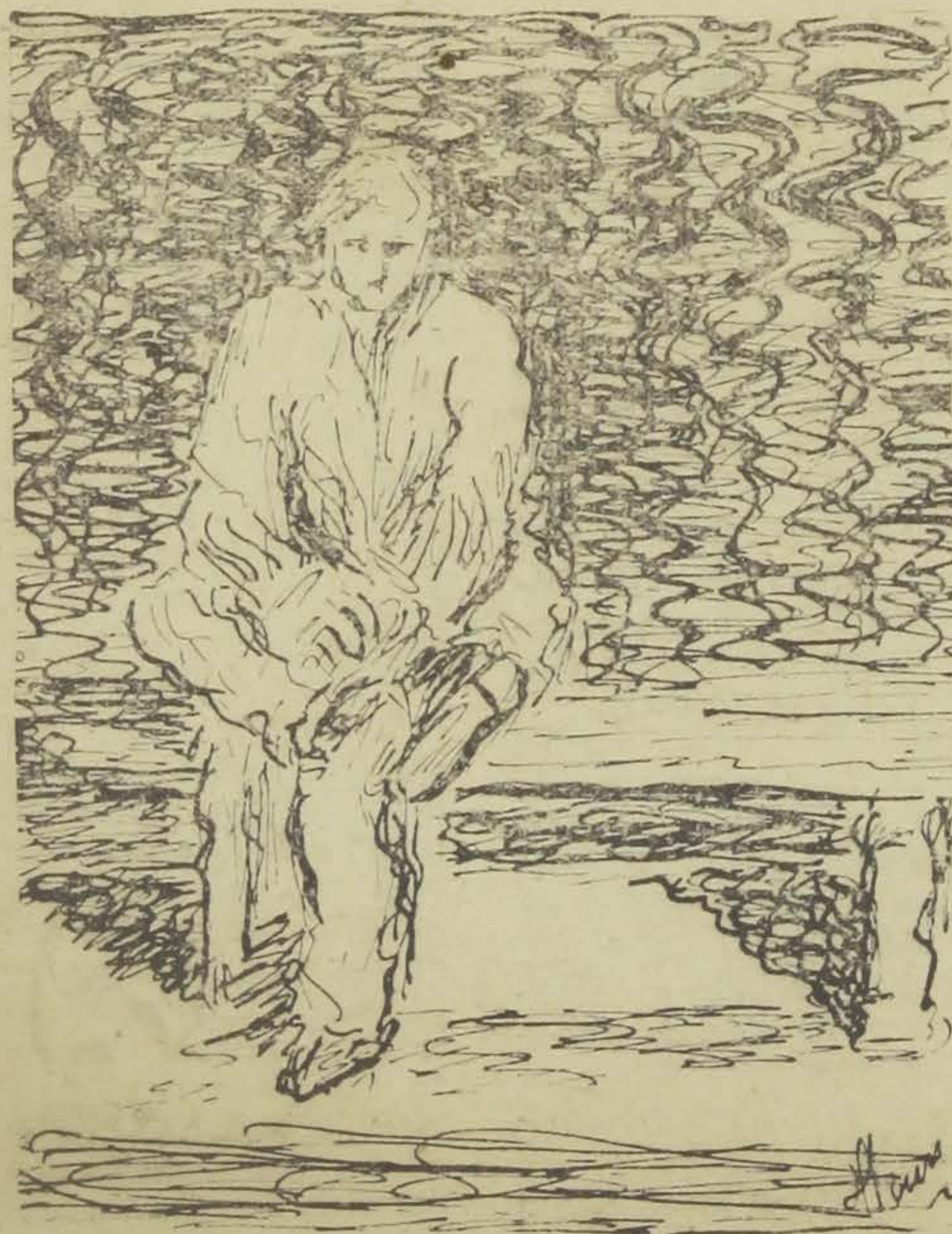
morna convida à recordação. Nunca ligara para o romance de sua vida.

Costuma apenas desfiar lembranças para os filhos, narrando-lhes as pequenas bravuras dos episódios revolucionários. Às vezes também conta, dando-lhes uns tons mais fortes, as *encrencas* com os soldados do décimo. Coisas de moços. Disputas de pequenas da fábrica ou vontade de atirar para o ar e ver os periquitos debandar em fúria.

Está meio triste esta noite de sábado para domingo. Felismente, um louco que trouxeram há dias dorme agora e deixa em paz as pobres freiras do colégio vizinho. Não sabe como o dr. delegado teve coragem de mandar para ali aquele pobre homem que devia estar num hospital de alienados. E o pior é gritar continuamente, botando em polvorosa as garotas estudantes, e não dando descanso às irmãs.

Agora, o louco dorme. Se não, como poderia o soldado estar ali contemplando estrelas e sonhando esse passado distante, anos seguidos de vida policial, sem pouso certo, carregando trastes por arraiais pachorrentos, e por cidades agitadas? Bem que siá Donana pedira tantas véses para que ele desse baixa. Mas, qual o que, quem nasceu para soldado não serve para mais nada. Como iniciar de novo, sem experiência, com uma mocidade enterrada na Força, ouvindo vozes de comando e recebendo mensalmente o soldo pequeno?

Os companheiros de farda não são máus. Alguns se excedem nas funções. Mas chegarão aos poucos ao seu estado, pedindo que o mundo termine em descanso



DESENHO DE HERMANO JOSÉ

CARCASSA DE VILA RICA

JOSÉ MARIANO FILHO

QUEM se transporta a Ouro Preto, e lhe visita os templos opulentos, recobertos de talha dourada, ou descansa o olhar sobre as majestosas solares abandonados que o tempo se incumbirá de destruir dentro de mais algumas dezenas de anos sente insensivelmente o espírito voltado para o passado.

Ouro Preto, que há cento e cinquenta anos possuía sessenta mil habitantes, talvez não possua atualmente seis mil. A antiga Vila Rica teve o seu momento de esplendor efêmero. O ouro atraía aventureiros, a vida era larga e aparatosa. As grandes damas passavam em liteiras decoradas sobre os ombros dos negros pelas "capistranas" das ruas tortuosas. O governador português habitava o sombrio palácio, cujos mu-

para que possam morrer dormindo.

Na cela do fundo do corredor, o louco começou a gemer. João Soldado dá uma volta até lá, sabre dependurado na cintura, polainas velhas richando no assoalho podre.

Há mesmo alguma coisa de triste nesta noite de sábado para domingo. O relógio da matriz bate mais uma vez e as janelas altas do colégio denunciam luzes acesas. O louco geme. Começando com a gritaria, as irmãs não poderão dormir. E reclamarão amanhã com as alunas.

Como deve ser bom ter uma filha do colégio das freiras. Do seu posto, observa às vezes o bando de garotas alegres que sai pelos portões após um dia de aula. Os uniformes azuis e brancos, bem cuidados, as

ros altos formam o fundo da praça principal. Fidalgos, de calção de seda e chapéu armado, esparramavam-se em cortesias galantes à passagem das damas nobres.

A cidade erguia os seus templos alvos. Pedreiros, carpinteiros, mestres do risco, ornamentistas e pintores completavam os mil detalhes da ornamentação interior das igrejas. Súbitamente, a notícia fatal do exaurimento dos filões de ouro chegou ao arraial. Começou sorrateiramente o exodo da população. Uma onda de desiludidos, impelida pela ambição, se interna pelo sertão selvagem a cata de aventura.

Quando se deu o colapso jesuitico, do qual resultou a chamada (aliás sem nenhum fundamento) renascença pernambucana, o sistema social e

meninas sabraçando livros, tudo constitui alegria para os papais que esperam e confiam na felicidade das filhinhas.

João Soldado tem também uma filhinha. Um pedacinho de rosto bonito que tem sempre um sorriso quando ele chega. E, pobre Terezinha, não pode frequentar o colégio. Não poderá ser normalista. Sã Donana lava roupa, engoma, faz doces para fora e ajuda como pode, coitada. Sem seu auxílio, não sabe como se aguentaria com as despesas da casa. Terezinha terá o mesmo destino da mãe. Casará com um outro soldado e continuará na vida de trabalho e de criar filhos, aqui e ali, em peregrinação constante.

Lá fora, a brisa morna, agita árvores. A vizinha

religioso tremeu nos seus alicerces seculares. Com a reação leiga, que impunham o frontão grego às igrejas barrocas, a arte sacra, que esplendera radiosamente, entra em declínio, e se estiola aos poucos, como certas palmeiras fenecem depois da floração. A velha geração que ajudou a construir os templos foi-se aos poucos afastando da Vila, guardando a recordação melancólica dos dias gloriosos que ela vivera. A gente nova, sem compromissos com o passado, se instalou rapidamente na terra conquistada. Hoje a raça adventícia que rechaçou a raça nativa olha com suprema indiferença os destroços da arte antiga. Daquela grande oficina de arte torêutica não resta um "oficial", capaz de

do lado é uma velha professora. Quando passa arrastando os chinelos, cumprimenta amavelmente os praças. Parece siá Donana, coitada, que não se esquece de uma saudação. Não custa, diz ela, dar bom dia pro pessoal...

O louco geme. As irmãs resam em silêncio. João Soldado não conhece a vida da comunidade. Mas a estas horas, luzes acesas, elas só podem estar orando.

O doido acordou em sobressaltos. E grita. João Soldado toma o mosqueio. Dá uma voltazinha pelo corredor imundo, com gaiolas dependuradas. (Os presos só sabem fazer gaiolas). E quando o louco, na sua fúria, grita mais alto, João Soldado tem dó dos sentenciados que dormem. Das irmãs, não. Por causa delas, deixa o

remendar uma balaustrada, ou recompor um pedaço de altar. Como os aztecas da época de Cortez, os ouro-pretanos de hoje boquiabertos diante das rendilhadas portadas do Aleijadinho, não sabem como explicar o mistério de seu aparecimento.

Os artistas desapareceram sem deixar tradição da arte que praticaram. O arquivo das Irmandades foi devorado pelas traças. Tudo passou como sonho. Outro dia, como eu perguntasse para que lado ficava a pedreira da Candonga, de onde saiu a pedra-sabão que o Aleijadinho docilizou a sua arte, as pessoas mais antigas da terra se entreolharam surpresas. Pedreira da Candonga? Deve ser engano, me disseram espantadas.

desgraçado gritar. As freiras que reclamam para as alunas. Terezinha não lhe levará a notícia amanhã. Porque Terezinha, sua filha, não tem uniforme azul e vai mesmo se casar com soldado de polícia.

A MORTE DE EDMOND JALOUX

EM Lúry, faleceu Edmond Jaloux. Residia perto de Lausanne há muitos anos. Sucumbiu a um ataque de apoplexia, com 70 anos. Edmond Jaloux era um romancista de talento. E escreveu uma centena de livros. Em 1920 obteve o Grande Prêmio de Literatura, conferido pela Academia Francesa, onde quinze anos mais tarde entraria, como sucessor de Paul Bourget.



Letras Rumanas**Ambiente e Alma do Povo Rumeno**

ALEXANDRA HORTOPAN

III

PARA o rumeno, a natureza não é um decoro e sim uma parte de si mesmo, a mãe benfazeja, a carinhosa que compreende e consola a sua angústia, a sua dor, o aconselha e o guia. Ele não fala da natureza, fala com ela, como se fosse um ser humano. Para ele é uma personalidade viva e real, tão real! O céu, a lua, o sol, o "santo sol" e a floresta, as flores e as árvores, todos estes vivem e morrem, nascem e sofrem, amam e odeiam com ele, alegrando-se da sua alegria, chorando das suas lágrimas, tanto nas suas baladas como nas suas danças acorosas, carregadas de amor e de sentimento.

Há duas baladas na poesia popular rumena, que mostram mais do que toda a atitude psicológica deste povo. É uma delas, Miorita, a estranha história dum pastor moldave o qual, sendo prevenido pela sua cordeirinha branca Miorita de que outros pastores invejosos planejam a sua morte, em vez de se defender, começa a descrever-lhe a maneira como desejaria ser enterrado no meio da sua natureza querida. "Se encontrares a minha gente, Miorita, não lhe digas que morri. Dize que me casei com a linda filha dum rei do mundo inteiro noiva querida. E o meu padrinho foi o sol, com a lua madrinha..." E no dia que me casei uma estrela caiu do céu".

"Mesterul Manole" é a dolorosa história do construtor do mosteiro Curtea, de Arges, o qual via cada noite cair em

pedaços tudo o que tinha erguido durante o dia. Um sonho revelar-lhe que deve murar viva a primeira pessoa que aparecerá na manhã seguinte. Grande é a sua dor, ao ver a própria esposa, a sua amada Ana atrás das colinas. Reza, perdendo a Deus uma tempestade, um dilúvio, uma catástrofe qualquer para fazê-la voltar... mas ela avança sempre... agora pode trabalhar em paz e em breve ergue o majestoso mosteiro de cuja torre o infeliz mestre se joga, nascendo uma fonte no lugar onde morreu... Infinita sabedoria dum povo cuja alma coletiva e simples sentiu, percebeu o eterno dilema do artista, compreendendo que para criar, para dar ao mundo uma obra prima, para construir um monumento da beleza e do pensamento humano é preciso imolar o próprio coração.

As lendas rumanas contêm a mesma indescritível tristeza. Flutuam nelas o "dor", a palavra rumena para saudades, o "dor", infinito e profundo do qual nascem, os mais fantásticos desejos.

Lia, a princesa que amou o sol e tornou-se uma coriovia, que sempre o procura... o pastor solitário que um amor infeliz petrificou, transformando-o no "Varfulcudor", o Morro das Saudades... Oslea, o magnífico herói, filho do sol, traído e morto pela velha Dokia, cujos olhos subiram ao céu onde brilham até hoje na forma da estrela da manhã e da estrela polar... e Grui Sanger, o bandido fezor que malando o próprio pai foi condenado a vi-

ver preso num arbusto que traz frutos vermelhos como o sangue que tanto derramou... E a cidade de baixo da água, lenda que vive quasi em quasi todos os povos do mundo, a cidade amaldiçoada que espera a sua redenção... E a moça, amada por dois irmãos, a qual, não querendo ser objeto de discórdia entre eles, jogou-se do alto da montanha e torna-se uma cascata maravilhosa... e tantos, tantos outros... Não há roca, rio, colina ou lagoa que não tenha a sua lenda, a sua personalidade. Geralmente personificam um jovem ou uma virgem cuja morte foi causada pela angústia dolorosa dum amor infeliz e que passou a ser o objeto ou o animal a que se refere a lenda...

E sempre, sempre a mesma amarga e profunda poesia, cheia de dor, de resignação e de dor... O mesmo desejo de alcançar um ideal longínquo, a mesma nostalgia, a mesma infinita melancolia...

Carregada de sonhos e de saudades, a alma mística do rumeno procura subir... sempre subir ao paraíso da beleza, da harmonia e da dor. Canta nela o eterno tormento do destino humano que sempre procura e quasi nunca encontra...

E muitos têm sido aqueles que, possuídos pelo fogo sagrado da arte, espalharam pelo mundo a alma profunda, serena, resignada e amarga deste povo. Lembremos George Enesco, cuja rapsódia rumena conquistou o inteiro ocidente,

Não é porém a música a arte nacional do rumeno, como não o é a pintura, embora tendo ele dado ao mundo alguns grandes pintores, como Grigoresco e Luchian, sem esquecer os desconhecidos e anônimos autores das velhas pinturas murais nos mosteiros.

A arte específica do rumeno, o seu mundo, a essência mesma do seu ser é a arte de escrever. "O rumeno nasceu poeta" diz um velho ditado, e diz a verdade.

Em nenhum outro ramo da atividade humana atingiu este povo a perfeição dos seus escritores. Já nos primeiros tempos da sua história, teve poetas como Desoffel e Varlaam, cientistas como Dimitrie Cantemir, o poliglota, amigo íntimo do Czar Pedro, o grande, crônista como Neculoe e Miron Costin, que descreveram as bravuras dos grandes Voivodes.

O décimo-nono século é porém o século da grandeza das letras rumanas, o século de Alexandru, cujas deliciosas comédias ainda encantam, o poeta romântico das "Lendas", autor do célebre poema "Latina gita e regină" premiado no concurso literário denominado "Jeux floraux" de Toulouse, Creangă, o contador pitoresco que nos dá a imagem fiel da vida do camponês rumeno, das suas pequenas alegrias e sua grande sabedoria... Cosbuc, o poeta da roça Transilvânica, que traduzia poemas sânscritos e escrevia os mais deliciosos idílios campestres ao mesmo tempo que po-

emas filosóficos, como "a morte de Fulger", no qual vive a profunda aceitação do destino e da morte, a inegável futilidade da vida humana e a mesquinhez do indivíduo no meio do universo. "De rupidi codru e ramurea, ceini pasu codrului de ea? (Que importância pode ter para a floresta o ramo que uma mão descuidosa quebrou?) De Ccsbuc também é *Ideal*, o inesquecível "Ideal" a dolorosa e deserta vaidade dum amor fiel, tão fiel como só vive num coração de mulher... Ainda a este século pertence Caragiale, o dramaturgo sutil de "Desgraça", um dos mais profundos, mais fortes e mais sóbrios dramas da literatura mundial, uma análise insuperavelmente humana do conceito da vingança num coração de mulher e do remorso na alma dum homem, cujo conceito deente desuoe tudo que ainda podia ter sido bom nele. E o mesmo Caragiale escreveu as mais hilariantes comédias críticas asperas e implacáveis dos grandes, eterno, de ilos da natureza humana. De data mais recente são os grandes romancistas, cujo estilo colorido deu vida a tipos característicos, como Renescu, autor de Iobr, profundo estudo da paixão selvagem que a terra inspira ao rumeno, e da *Chuleandra*, esplêndida análise da loucura. Sadoveanu, autor de pitorescos romances históricos, Teodoreanu, que criou no seu delicado romance "Lorelei" um vulgo de mulher diáfana.

Cezar Petrescu, Panait Istrati, e muitos, muitos outros, sem esquecer a rainha poetisa, Carmem Sylva e Zaharia Barsau, o poeta do mar, um dos primeiros a compreender um pouco do eterno tormento das ondas.

Mas o gênio que predomina com a sua personalidade e a sua obra, até hoje sem rival, as le-

tras rumenas, é sem dúvida Mihail Eminescu, poeta e filósofo do século XIX, autor do "Luceafarul", um dos mais profundos e mais belos poemas filosóficos de amor do mundo. Luceafarul é tirado duma velha lenda popular. É a história duma princesa que se apaixona por uma estrela, um ser superior, o "Luceafarul", longinquo e luminoso, mas que incapaz de compreender a intensidade, a substância de amor eterno e frio dele, lhe prefere um jovem como ela mortal, como ela vivendo do mesmo pão fútil e sem brilho da terra... É neste poema, cujos versos têm a beleza pura dum brilhante sem defeito, que Eminescu descreveu toda a angústia da sua alma sempre solitária, a terrível tragédia do gênio que ninguém jamais compreendera. E ainda na obra imortal do nosso insuperável Eminescu vive a indizível tristeza da alma rumena, o seu amor confiante e ingênuo para a natureza, talvez o único ser que não o tenha desiludido.

Pessimista no mais profundo do seu ser, baseava suas teorias sobre conceitos indianos, tirando-os porém da própria alma do seu povo, o qual representa como nenhum outro. A morte para ele era suprema consolação.

"O que não é, dores não sente... e há muitas dores e tão poucas são as alegrias..."

Tudo, diz Eminescu, não é senão vaidade e mentira: a glória, a fama, as riquezas e o amor, tudo passa e esquece. Eternamente só vivem a morte e a natureza... "luna, tu si geniu! mortali..."

E diz ele ainda, com amarga e dolorosa ironia: "Nada é a vida do universo, senão um sonho da morte eterna".

"Em todos nós vive dum mundo a grande pergunta."

Em vão procuro compreender o velho Demingo, de onde vens, aonde vai a flor dos desejos escuros espalhados no caos".

"O mundo é como o vês, e nós somos como ele..."

"Ail caíram em pedaços os instrumentos... e nada mais é o maestro do que um pobre louco..."

E também nele, nos seus versos cheios de lágrimas e de renúncia, chora a infinita doçura da doina, a melancolia resignada e terna das noites de luar nas quais o vento apenas acaricia as espigas douradas e o azul sedoso do linho em flor... Luar semeando rios de prata na superfície irêmula do mar, hábito morno do vento e

mistério, mistério, e a eterna melodia duma grande dor...

"Gemerá em tormento do mar o áspero canto..."

"Estrelas de fogo entre os ramos de pinheiro olhando um triste túmulo solitário."

abandonado pela sorte, que jamais coração amigo o consolou..."

Espero ter aproximado um pouco de vosso coração a alma dum povo irmão, dum povo que só conheceu através os séculos, as lutas e o sofrimento.

Muitas tem sido as tempestades que marcaram sua existência, muitas as forças que o feriram. Ficou a mesma a sua arte, a sua poesia, a sua grande alma mística e atormentada.

Os acontecimentos sempre mudam, mudando o rosto a forma exterior dos países.

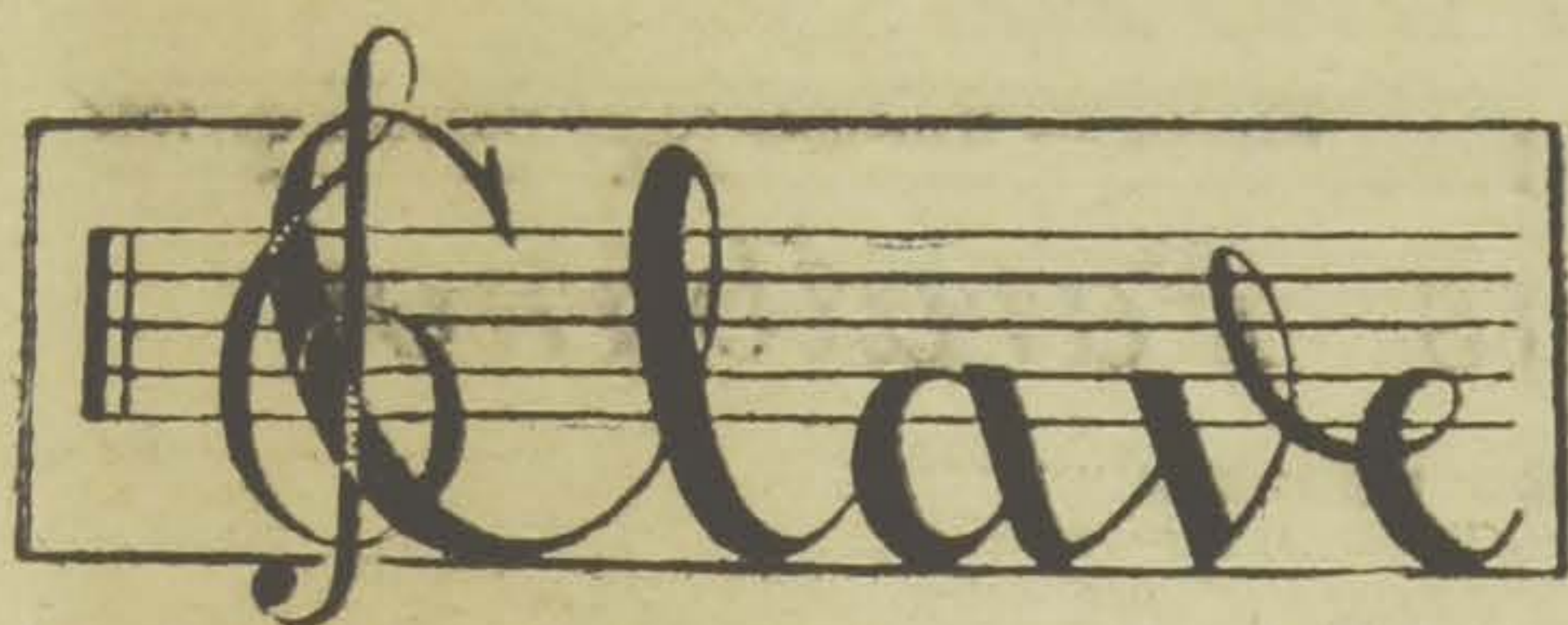
Mas há coisas eternas que sempre, sempre cantarão no coração humano, fazendo vibrar o que há de melhor, de mais puro, de mais elevado em nós. É a sede do belo da poesia do ideal, que vive em todos os povos e em todas as épocas; sede infinita e ilimitada pelo tempo ou pelo espaço. O vôo das almas á divindade, do mundo encantado do sonho e da beleza onde nos encontramos todos, nós, fundindo as nossas saudades e as nossas aspirações na grande Luz da eterna harmonia...

"VISITANDO Escolas". reportagens de Yvone Jean sobre o problema da educação no Brasil. Edição do Serviço de Documentação do Ministério da Educação.

JÁ se encontra em primeiras provas o romance de Luis Jardim "Lembranças" do meu tio Ganzaga". É o primeiro romance do autor de "Maria Perigosa", volume de contos laureado com o prêmio Humberto de Campos.



DESENHO DE VICENTE MONTEIRO



PIANOLATRIA

JOÃO DA VEIGA CABRAL

A **PIANOLATRIA** — o fanatismo, a preferência exclusiva pelo piano — tem dado ao Brasil, sem dúvida, as suas glórias boas e legítimas. Uma Guiomar Novais, uma Anniêta Rudge, uma Tagliaferro são cartazes que poderiam envaldecer qualquer nação culta do mundo. Mas, em troca, quanto prejuízo tem causado à música brasileira em geral!

Em consequência desse exclusivismo pianístico, já mais que secular, fundaram-se em cada capital do nosso país, em cada cidade mais ou menos adiantada do seu interior, uma ou várias fábricas de fazer pianistas, pianistas de todas as marcas, de diversas qualidades, de todos os tipos e classificações. Tipos e classificações que podem ir de um dez — o virtuose de fama universal — a um zero — a mocinha que apavora e intranquiliza, noite e dia, a vizinhança, batendo num velho tacho desafinado qualquer coisa de um Danúbio que não tem nada de "Azul" ou os arrastando aos infernos, com a horrenda mutilação daquela "Subindo ao Céu", a valsinha gostosa que todos nós conhecemos e cujo autor imaginamos haver subido mesmo ao paraíso...

O resultado desse tecladismo observante vamos aí vendo, a toda hora. Estamos no mato sem cachorro, quasi por

tudo o Brasil, para uma prática eficiente, séria, sistemática da música sinfônica. Em plena metade do Século XX — do triunfo e do esplendor universal da Música Sinfônica — encontramos num atrazo danado, de fazer vergonha, no sentido dessa atividade musical. Os conjuntos sinfônicos que possuímos em nosso País — mesmo os melhores, do Rio e de S. Paulo — não são lá grande coisa não. Fracos, instáveis, deficientes, medrosos e indisciplinados. E isso, principalmente, pela falta de preparo dos seus instrumentistas. Não possuímos ainda, como se dá com o piano, uma grande, uma pelo menos boa escola de instrumentos de corda e arco. Essa escola vai surgindo agora, muito mírim e acanhada, nos grandes centros do Sul. Cá para as nossas bandas, nem nisso se pode pensar ainda. Cadê os professores de violino, de viola, de cello, de contrabaixo?

Ainda há pouco tempo o José Siqueira, esse grande músico que tanto honra a nossa Paraíba e ao Brasil, foi forçado a mandar buscar, na Itália, seis ou oito tocadores de corda e arco para a sua Orquestra Sinfônica. Senão, não botava ela para frente.

Por outro lado, os instrumentos de sopro, de palheta ou de bocal, são considerados coisa inferior. Não somente na nossa terra paraibana,

mas pela maior parte da população nacional, a mentalidade a respeito é mais ou menos esta: O piano é o instrumento da gente boa, de cima. O violino também não desmerece ninguém, mas não há com quem aprendê-lo. O clarinete, o trombone, o piston e outros, são negócio para pé de poeira. E acabou-se. É de doer, mas não tem jeito. Gente que se enxerga só toca piano...

Se não fossem esses "pés de poeira", que as velhas bandas de música de todo o território pátrio fabricam, há séculos, e exportam para as capitais, garanto que nem as pauperrimas orquestras sinfônicas do Rio e S. Paulo poderiam existir.

É desse mal de carência, de que sofre o sinfonismo brasileiro, que vem padecendo, cruelmente, o nosso arremedinho de Orquestra Sinfônica. É um apertão dos diabos. Um desequilíbrio de arrepiar. Dezoito choradíssimos violinos, quasi todos intuitivos, para uma viola, para um violoncello, para dois contrabaixos... O resto é banda, excelente, aliás, porém banda.

E os pobres dos regentes arrancam os restos dos cabelos, tentando construir um edifício com um material que não dá nem para os alicerces...

X

AOS DISCOFILOS

Para um bom conhecimento do gênero CONCERTO, recomendamos aos discófilos a aquisi-

ção de 3 albuns recentemente chegados para a Casa Odeon, com discos de gravação "Victor". São eles: **BEETHOVEN** — Concerto n. 5, Op. 73, em Mi Bemol Maior. Orq. Sinfônica de Chicago. Regente: Frederico Stock. Ao piano: Artur Schnabel. **CHOPIN** — Concerto n. 1, em Mi Menor — Orquestra Sinfônica de Londres — Reg: Barbirolli. Solo A. Rubinstein. **TCHAIKOWSKY** — Concerto n. 1, em Si Bemol Menor — Solo: Horowitz Orq. Sinfônica N. B. C. Execuções impecáveis. Interpretações magníficas.



"ALEM DO GRANDE MAR"

ALEXANDRA Hortopan acaba de publicar seu livro de estreia, o romance "Alem do Grande Mar", cujo enredo se desenvolve no Rio de Janeiro, embora esteja acenadamente marcado por reminiscências da Europa.

A jovem escritora chegou ao Brasil no ano de 1946, tendo nascido na Romênia, na cidade de Târgu Jiu. Fala e escreve o português corretamente, apesar do pouco tempo de convívio conosco, e escreveu "Ambiente e Alma do Povo Rumeno", em 1948. (que estamos publicando), onde reuniu duas palestras que fez no Ministério da Educação e Saúde.

Alexandra Hortopan pretende lançar, ainda este ano, um livro de poemas.

ANTOLOGIA DE POETAS PARAIBANOS

(Conclusão da última página)

Antes, geléia humana, não progridas
E em retrogradações indefinidas,
Volvas á antiga inexistencia calma!...

Antes o Nada, oh! germen, que ainda haveres,
De atingir, como o germen de outros sêres,
Ao supremo infortunio de ser alma!

Antologia de Poetas Paraibanos

SELEÇÃO E NOTAS DE EDUARDO MARTINS

AUGUSTO DOS ANJOS

1884 — 1914

AUGUSTO de Carvalho Rodrigues dos Anjos, nasceu no Engenho Pau d'Arco, à margem do rio Una, município do Espírito Santo, Estado da Paraíba do Norte, a 20 de abril de 1884. Era filho do dr. Alexandre Rodrigues dos Anjos e da sra. Córdula Carvalho dos Anjos. Fez seus primeiros estudos no Liceu Paraibano. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas na Faculdade de Direito do Recife, em 1906. Dedicou-se, então, ao magistério, lecionando Literatura no Liceu Pernambucano. Em 1910 foi para o Rio de Janeiro onde ensinou Geografia na Escola Normal e no Ginásio Nacional, interinamente. Daí seguiu para Leopoldina, em Minas Geraes, em cuja cidade não só dirigiu o Grupo Escolar "Ribeiro Junqueira", como ensinava particularmente.

Faleceu às 4 horas da madrugada de 12 de novembro de 1914.

Publicou: "Eu" — poesia — Rio — 1912; livro esse posteriormente acrescido de outros versos e hoje em 16.^a edição.

SONETOS

I

A meu Pae doente

Para onde fôres, Pae, para onde fôres,
Irei também, trilhando as mesmas ruas...
Tu, para amenizar as dores tuas,
Eu, para amenizar as minhas dores!

Que coisa triste! O campo tão sem flores,
E eu tão sem crença e as arvores tão nuas,
E tu, gemendo, e o horror de nossas duas
Maguas crescendo e se fazendo horrores!

Maguaram-te, meu Pae?! Que mão sombria,
Indiferente aos mil tormentos teus
De assim maguar-te sem pesar havia?!

— Seria a mão de Deus?! Mas Deus enfim
É bom, é justo, e, sendo justo, Deus,
Deus não havia de maguar-te assim!

II

A meu Pae morto

Madrugada de Treze de Janeiro
Rezo, sonhando, o ofício da agonia.
Meu Pae nessa hora junto a mim morria
Sem um gemido, assim como um cordeiro!

E eu nem lhe ouvi o alento derradeiro!
Quando acordei, cuidei que ele dormia,
E disse à Minha Mãe que me dizia:
"Acorda-o" deixa-o, Mãe dormir primeiro!

E sai para vêr a Natureza!
Em tudo o mesmo abismo de beleza,
Nem uma névoa no estrelado véu...

Mas pareceu-me, entre as estrelas flores,
Como Elias, num carro azul de glórias,
Vêr a alma de meu Pae subindo ao Céu!

VANDALISMO

Meu coração tem catedraes imensas,
Templos de priscas e longinquas datas,
Onde um nume de amor, em serenatas,
Canta a alegria virginal das crenças.

Na ogiva fulgida e nas colunatas
Vertem lústraes irradiações intensas
Cintilações de lampadas suspensas
E as ametistas e os florões e as pratas.
Como os velhos Templários medievais
Enrei um dia nessas catedraes
E nessas templos claros e risinhos...

E erguendo os gládios e brandindo as hostias,
No desespero dos iconoclastas,
Quebrei a imagem dos meus próprios sonhos!

O LAMENTO DAS COUSAS

Triste, a escutar pancada por pancada,
A sucessividade dos segundos,
Ouço, em sons subterrâneos, do Orbe oriundos,
O choro da Energia abandonada!

É a dor da força desaproveitada
— O canticão dos dinamos profundos,
Que, podendo mover milhões de mundos,
Jazem ainda na estática do Nada!

É o soluço da forma ainda imprecisa...
Da transcendência que se não realiza...
Da luz que não chegou a ser lampejo...

E é em suma, o sub-consciente aí formidando
Da Natureza que parou, chorando,
No rudimentarismo do Desejo!

A UM GERMEN

Começaste a existir, gelea crua,
E has de crescer, no teu silencio, tanto
Que é natural, ainda algum dia, o pranto
Das tuas concreções plásmicas fluir!

A agua, em conjugação com a terra nua,
Vence o granito, deprimindo-o... O espanto
Convulsiona os espíritos, e, entanto,
Teu desenvolvimento continúa!

(Conclui na página 15).